

Apresentação

Juventude, juventudes: processos e espaços educativos

A organização de um *dossiê* sobre o tema Juventude e Educação é um convite à reflexão e à pesquisa, por diferentes áreas do conhecimento, para compreendermos a *condição* e a *situação* da juventude na sociedade contemporânea, mediada pela escola e outros espaços educativos.

Com o enfoque das diversidades e das diferenças, entendemos os jovens como sujeitos de direitos que vivem e se constituem na contemporaneidade em complexos contextos sociais e educativos, construídos histórica e culturalmente, mediados por significações sociais de seu mundo. Abad (2003b) contribui com essa discussão quando traz a diferença entre a *condição* e a *situação* juvenil, sendo a primeira, o modo como uma sociedade constitui e significa o momento do ciclo de vida, e a segunda, a *situação* que traduz os diferentes percursos que estes jovens experimentam com base nos mais diversos recortes: de classe, gênero e etnia. Abad (2003a, p. 24) afirma que essa condição juvenil, hoje, é legitimada para além da questão etária e biológica, por alguns fatores, como o fenômeno do alargamento do período da juventude, podendo-se dizer que “a juventude se prolonga até depois dos 30 anos, o que significa que quase um terço da vida, e um terço da população tem o rótulo, impreciso e convencional como todos, mas simbolicamente muito poderoso”. Este autor destaca, também, a descontinuidade no processo linear, simétrico e ordenado da juventude pelo circuito família-escola-trabalho-emprego no mundo adulto, bem como a desinstitucionalização que lhe possibilita uma certa autonomia, a qual sugere experiências vitais precoces. O exercício da sexualidade, a maturidade mental e física e a emancipação nos aspectos afetivos e emocionais antecipados atrasam, por outro lado, a autonomia econômica. (ABAD, 2003a e 2003b).

Com essa perspectiva, apresentamos esta publicação temática, cuja intenção é pôr à disposição dos leitores reflexões que vêm sendo realizadas, entre outros, por Galland (1996), Pais (1993), Margulis (1994, 1998, 2003), Melucci (1996, 1997), Sposito (1994, 2002). Os vários artigos que o

constituem permitem mostrar como diferentes pesquisadores se apropriam teórica e metodologicamente destas contribuições para iluminarem suas pesquisas sobre experiências, projetos e propostas de educação dos jovens em diferentes contextos e espaços educativos.

Escolhemos como ponto de partida o que denominamos *Juventude, Juventudes, processos e espaços educativos* como elo das interações entre as aproximações conceituais e as possibilidades educativas dos jovens.

Inicialmente este *dossiê* apresenta a entrevista, concedida em 2003, em Buenos Aires, pelo Professor Mario Margulis, intitulada **¿Juventud, o Juventudes?** que fornece o eixo necessário a essa interlocução. A sinalização de suas reflexões sobre o universo juvenil sugere o patamar que localiza o jovem sob a noção da moratória, *social e vital*, baseado nas multiplicidades das situações sociais que definem os marcos históricos, sociais, culturais distintos na sua condição. Segundo Margulis (1998), a condição social desses sujeitos deve ser percebida na relação com a geração a que pertence e às outras a que se refere, em função da idade como um crédito que lhe concede, por um lado, uma moratória social que é vivenciada por alguns, conforme a sua classe social de origem, ou seja, a sua condição histórico-cultural. Estes rapazes e moças têm a oportunidade de estudar e postergar seu ingresso ao mundo das responsabilidades da vida adulta, experimentando os seus tempos e espaços protegidos socialmente. Sem dúvida, essa moratória não é permitida de igual forma a todos. No entanto, Margulis amplia a discussão da moratória social, quando aborda a moratória vital que é comum a todos os jovens. Esta concede a esses sujeitos, como um crédito temporal, um algo a mais que está vinculado com o aspecto da vitalidade corporal. Tal moratória se identifica com a sensação de imortalidade tão própria destes sujeitos. Essa sensação, esse modo de se situar no mundo, pode levar a audaciosa forma de enfrentamento do perigo, condutas autodestrutivas que, muitas vezes, colocam em risco a saúde, expondo-se acidentes, a excessos e superdoses.

Na continuidade deste *dossiê* enfocamos artigos que priorizam questões relacionadas ao jovem e os seus processos de escolarização, com o objetivo de discutir a escola, como um dos espaços de sua socialização. Nesse sentido, Sacristan (2003), auxilia o debate, quando diz que nas salas de aula encontramos seres reais, enraizados em contextos concretos, que têm suas próprias determinações históricas e aspirações e que, na maioria

das vezes, não se acomodam à idéia que os adultos fazem deles. Assim, da ótica do autor, para entender quem são estes sujeitos no universo escolar, requer-se uma atitude inquisitiva que se interesse, principalmente, pelas condições em que eles vivem, procurando-se dessa forma, conhecer as origens das suas práticas cotidianas não só em instituições mas em grupos que freqüentam. É essa atitude inquisitiva que nos permite dar relevo ao fato de que não há jovens e juventudes ideais, mas modos de viver essas etapas de vida e, na sociedade contemporânea, essas formas de vida requerem a separação desse sujeito em diferentes espaços e modos de viver, como é o caso da escolarização. Essa perspectiva transcende o entendimento, que muitas vezes a escola tem dos sujeitos que a freqüentam, pois a compreensão da juventude de forma mais ampla, supera a ótica reducionista de pensá-los apenas alunos, impossibilitando, desse modo, a realização plena de sua condição juvenil.

Luiza Mitiko Yshiguro Camacho traz em seu artigo – **A invisibilidade da juventude na vida escolar**– questões que se referem à identificação dos educandos, pela instituição escolar, evidenciando uma certa inadequação no trato de seus jovens, ainda sob a rigidez de faixas etárias, não os reconhecendo, muitas vezes, como tal e, sim, como crianças. Este quadro acaba desencadeando impactos, como a desinstitucionalização da condição juvenil, a dificuldade dos alunos na construção da sua identificação com a escola e a ruptura da comunicação entre eles e os educadores.

Continuam essa discussão sobre as identidades pessoais dos estudantes Marília Pontes Sposito e Izabel Galvão – **A experiência e as percepções de jovens na vida escolar na encruzilhada das aprendizagens: o conhecimento, a indisciplina, a violência** – ao examinar alunos do Ensino Médio de escolas públicas e verificarem como constroem suas experiências no cotidiano escolar, sob a influência de processos sociais complexos. Tais processos, ao mesmo tempo, acenam com o acesso escolar, via expansão de matrículas, e dificultam a permanência e a continuidade da escolarização destes sujeitos ao submetê-los à violência, à indisciplina e à insegurança.

Isabel Barca, pesquisadora portuguesa, apresenta em seu artigo – **Os jovens portugueses: ideias em história** –, contribuições acerca do pensamento histórico de jovens portugueses, da ótica da linha de pesquisa em cognição, que revela conceitos essenciais à natureza da história e rebate a idéia do senso comum de que “os jovens não sabem nada”. De certa

forma, Barca também revela o pensamento preconceituoso que a escola possui sobre a juventude que a frequenta e as implicações dos resultados desta investigação para o Ensino da História.

Nessa linha da escolarização, Mariléia Maria da Silva, - **O trabalho para jovens diplomados no novo modelo de acumulação capitalista**-, discute o significado que o trabalho apresenta para os egressos do Ensino Superior no contexto da precarização nas relações de trabalho e altos índices de desemprego. Afirma a pesquisadora, que o trabalho desempenhado antes e durante o curso de graduação adquire outros sentidos além daquele vinculado à carência econômica. Trata-se da possibilidade de poder usufruir com mais liberdade sua “condição de jovem”, mas também significa uma estratégia de *antecipação às etapas* com vistas a garantir um espaço num mercado de trabalho extremamente competitivo em que a insegurança é o sentimento compartilhado por muitos destes quando fazem referência ao seu futuro profissional.

Finalizamos este *dossiê* privilegiando outras formas de organização juvenil, denominadas por nós “outros espaços educativos”, como lugares de sociabilidade e mobilização que os jovens constroem na relação com o trabalho, a arte e as questões políticas e sociais. É destes lugares que eles exigem da sociedade maior participação, direito ao lazer, inserção em projetos culturais artísticos e, principalmente, políticas públicas específicas que, definitivamente, reconheçam seus direitos.

Nesse eixo é importante a contribuição de Maria Carla Corrochano – **Jovens operários e operárias -experiência fabril e sentidos do trabalho**– que apresenta o trabalho como espaço educativo e as percepções sobre este que possuem os novos trabalhadores fabriz. A autora contextualiza a problemática do estudo e sua inserção na pesquisa educacional sobre a tríade: jovens, trabalho e escola. Na seqüência, apresenta elementos do perfil dos sujeitos investigados, focalizando alguns aspectos da experiência de trabalho desses na fábrica. Por fim, retrata os diferentes sentidos do trabalho na vida destes operários e operárias.

Janice Tirelli Pontes de Souza – **Os jovens anticapitalistas e a ressignificação das lutas coletivas** – oferece elementos para pensarmos acerca da constituição da cultura política contemporânea referida em um dos sujeitos políticos que têm dado visibilidade às ações coletivas como espaço educativo – os jovens contestadores anticapitalistas. A autora prioriza a identificação de elementos explicativos que dêem conta

do agir político contemporâneo voltado para o processo de transformação social, especialmente a partir de 1960, auxiliando-nos a identificar os novos significados contidos nas manifestações de protesto e confronto contra a ordem social em tempos de globalização.

Em se tratando dos espaços do lazer e da arte, Glória Diógenes, - **Imagens e narrativas: registros afetivos** -, destaca os jovens e suas experiências educativas por meio da construção de mapas simbólicos de valores, utilizando imagens (gravuras, fotografias e grafites) e as narrativas evocadas por eles. As imagens são tomadas como inscrições afetivas, como um denso mapa afetivo. Os sujeitos pesquisados trouxeram à tona diversos tipos de emoções e construíram, por meio de sua participação, uma rede de sentimentos grupais.

Apresentamos, pois, este *Dossiê* com os agradecimentos a todos os que colaboraram para sua realização. Ao socializar esses trabalhos, produtos de estudos e pesquisas, esperamos contribuir com questionamentos e novas formas de problematização e interlocução entre pesquisadores em torno da temática *Juventude e Educação*.

*Maria Auxiliadora Schmidt
Olga Celestina da Silva Durand
Florianópolis/2004*

Referências

- ABAD, Miguel. Crítica política das políticas de juventude. In: FREITAS, Maria Virgínia e PAPA, Fernanda de Carvalho (Org.). *Políticas públicas: juventude em pauta*. São Paulo: Cortez; Ação Educativa Assessoria, Pesquisa e Informação: Fundação Friedrich Ebert, 2003a.
- _____. Las políticas de juventud desde la perspectiva de la relacion entre convivencia, ciudadanía y nueva condicion juvenil en Colombia. In: LEÓN, Oscar Dávila (Ed.). *Políticas públicas de juventud en America Latina: políticas nacionales*. Viña del Mar: CIDPA, 2003b.
- GALLAND, Olivier. L'entrée dans la vie adulte en France. *Sociologie et sociétés*, Paris, v. 28, n. 1, 1996.
- MARGULIS, Mario; URRESTI, Marcelo. *La juventud es más que una palabra*. Buenos Aires: Biblos, 1996.
- MELUCCI, Alberto. Juventude, tempo e movimentos sociais. Juventude e contemporaneidade. *Revista Brasileira de Educação*. São Paulo, n. 5/6, 1997. ANPED.
- _____. *Il gioco dell'lo*. Milão: Saggi/ Feltrinelli, 1992.
- PAIS, José M. *Culturas juvenis*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1993.
- SACRISTAN, Jimeno. *El alumno como invención*. Barcelona: Morata, 2003.
- SPOSITO, Marília P. A sociabilidade juvenil e a rua: novos conflitos e a ação coletiva na cidade. *Tempo Social*, São Paulo, v. 5, n.1-2, 1994. USP.
- _____. *Juventude e escolarização (1980/1998)*. Brasília: MEC/INEP, COMPED, 2002. (Série Estado do Conhecimento, n. 7).